campanha de vacinação sincrônica contra a covid-19. No HCRP, de 2015 a 2021 nota-se taxa de cobertura inferior ao que ocorreu no país durante todo o período, exceto no ano de 2021, quando a cobertura no serviço foi de 90%. Observou-se que os profissionais de saúde do HCRP parecem entender o tema de hesitação vacinal, sobretudo no contexto atual de pandemia, mantendo boa cobertura para influenza.

Conclusão: A hesitação à vacina contra influenza no Brasil é menor que a observada em outros países, especialmente entre os profissionais de saúde. As razões para hesitação são comuns e estão presentes em todo o mundo. A influência política no âmbito vacinal não deve ser ignorada, sobretudo no cenário da pandemia de covid-19. Ouvir as sugestões dos profissionais, individualizadas em cada serviço, além de integrar os dados de vacinação e combater desinformações, pode melhorar os dados de cobertura vacinal para influenza.

Palavras-chave: Hesitação vacinal Influenza Profissional da saúde Saúde ocupacional

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103097

IMUNIZAÇÃO EM USUÁRIOS DE AGENTES BIOLÓGICOS: SERÁ QUE ESTAMOS VACINANDO ADEQUADAMENTE? AVALIAÇÃO EM AMBULATÓRIO DE ALTA COMPLEXIDADE

Rafael Corrêa Barros*, Luísa Akie Yamauchi Reyes, Daniel Litardi Castorino Pereira, Pedro Saliba e Borges, Samylla Costa de Moura, Cecília Gonçalves Bueno, Marina Keiko K Tsukumo, Durval Alex Gomes e Costa, Augusto Yamaguti

Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (IAMSPE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: O aumento de agentes biológicos imunossupressores dobrou o risco de infecções imunopreveníveis. Níveis subótimos de vacinação são realidade para esta população. Avaliar níveis vacinais em pacientes usando biológicos imunossupressores e suas características epidemiológicas mostra-se relevante, portanto.

Métodos: Estudo descritivo transversal, incluindo pacientes ambulatoriais de hospital terciário em 2022. Usados bancos de dados dos sites governamentais SAÚDE e VACIVIDA, dos prontuários e questionários feitos em ligações aos pacientes.

Resultados: Foram incluídos 142 pacientes inicialmente e do total 53.5% estavam acima de 60 anos. Mulheres foram prevalentes, mas não houve associação significativa entre gênero e vacinação. Vacina contra covid-19 estava completa em 51.5%. As demais taxas foram: Vacina dT 35.7%; hepatite B 32.9%; pneumocócica 23 27.1%; influenza 20%; febre amarela 15.7%; meningocócica 14.3%; hepatite A 5.7%; pneumocócica 13 5.7%; hemófilos B nenhum paciente; Imunidade contra HBV com proteção (antiHbs >10) 7.6%. Algumas condições favoreceram a vacinação neste estudo: Ter doença inflamatória intestinal (p: 0,001); esclerose múltipla (p: 0,003); ser acompanhado nas especialidades gastroenterologia (p: 0,001) e reumatologia (p: 0,013). Ser acompanhado na gastroenterologia reduziu a chance de ser encaminhado para vacinação (RR 0,1 IC 0,0-0,8 p: 0,021). O questionário aplicado mostrou pouco medo para vacinar (7.5%), presença significante de carteira de vacinação (64.2%) encaminhamento para vacinação pelo médico de origem (52.8%) e ótimo encaminhamento para vacina contra COVID-19 (100%).

Conclusão: Ao considerar o fornecimento gratuito de imunizantes pelo Ministério da Saúde e a facilidade de realização das vacinas na própria instituição, medidas in loco para melhoria dos dados devem ser discutidas com cada equipe.

Palavras-chave: Vacinação Imunossupressão Imunização Autoimunidade Imunodepressão

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103098

MOTIVOS DE HESITAÇÃO À VACINAÇÃO CONTRA MPOX ENTRE HOMENS GAYS USUÁRIOS DE PREP PARA O HIV

Alberto dos Santos de Lemos[a,b,*]

[a] *Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;*
[b] *Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

Introdução: A mpox emergiu em 2022 como problema global, incluindo o Brasil. A maioria dos casos vem se concentrando em homens cis gays sexualmente ativos (HSH). Apesar de disponibilizada a vacinação específica incluindo pessoas em uso de PrEP do HIV, as coberturas vêm se mantendo baixas. A hesitação vacinal é um fenômeno social emergente no Brasil, amplificado nos últimos anos. Delimitar conceitos prevalentes em grupos específicos é fundamental para a elaboração de estratégias de comunicação efetivas para minimizar o problema.

Objetivo: Identificar os principais motivos de não vacinação contra mpox em homens gays brasileiros.

Métodos: Utilizou-se um questionário online com perguntas fechadas. Foram selecionados indivíduos que se declararam HSH e fazem uso de PrEP do HIV. O questionário incluiu informações demográficas e, para os que declararam não vacinados, uma lista de itens para serem identificados (sim ou não) como motivos de não vacinação e depois classificados em ordem de importância. Ao fim do preenchimento, informações sobre a vacina contra mpox foram disponibilizadas.

Resultados: Entre janeiro e maio de 2023, foram incluídos 237 indivíduos que preencheram os critérios de inclusão. A idade variou de 18 a 54 anos, com mediana de 32. A maioria residia no RJ (35%) e SP (21%) e declarou ser de cor branca ou parda (37% cada). Não tomaram a vacina 132 indivíduos (57%). As cinco razões para a não adesão mais frequentes foram desconhecer o local de oferta da vacina (76%), desconhecer a disponibilidade da vacina (76%), acreditar que se trata de uma vacina experimental (50%), acreditar que não está sob risco (50%) e dúvida sobre efeitos adversos (50%). Entre os que escolheram mais de um motivo (92%), o identificado como mais importante foi dúvida sobre efeitos adversos (50%). Apenas um indivíduo declarou não acreditar em vacinas no geral, o único que informou não desejar receber a vacina após a leitura das informações disponibilizadas.